

TEXTOS LINEARES DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS: UMA REFLEXÃO

Paola de Carvalho Buvolini, Odilon H. Fleury Curado.- 3.23 - Letras -
Departamento de Lingüística - Faculdade de Ciências e Letras - Unidade de Assis

Ao se observar o processo educativo, percebem-se, em âmbito nacional, entre outras, dificuldades relativas ao exercício docente. Hoje, problemas burocráticos, sociais, econômicos assolam o ensino. Alguns desses problemas foram salientados, recentemente, numa pesquisa relatada na revista *Veja*, de 5 de Abril de 2006. Os dados resultaram no livro *O Professor Refém*, de Tânia Zagury, e contextualizam muito bem as situações de adversidade de trabalho enfrentadas pelo professor.

Diante deste contexto, preocupamo-nos com o tipo de aluno que as escolas de todos os níveis estão preparando; interessa-nos saber como a forma de pensar o conhecimento é mediada pelo professor e como se solidifica a relação do aluno com a aprendizagem de sua língua materna, já que esta é usualmente ensinada segundo uma tradicional concepção monológica da linguagem.

Partimos do pressuposto de que uma das prováveis conseqüências da postura teórico-metodológica gerada por esta concepção reside na confecção de textos lineares, superficiais, marcados pela sistemática ausência de idéias crítico-reflexivas, não apresentando uma consistente argumentatividade, requisito fundamental para a modalidade dissertativa pedida nos exames vestibulares.

A concepção monológica da linguagem orienta principalmente dois de seus entendimentos. O primeiro a vê como forma de representação do mundo e do pensamento. A função da língua seria a de refletir, traduzir o pensamento do homem e seu conhecimento de mundo. A segunda interpreta a linguagem como instrumento de comunicação, forma de codificação da língua por meio da qual os falantes comunicam determinadas mensagens, sendo a linguagem o mecanismo que vai viabilizar a transmissão de informações. No primeiro conceito, que não prevê interações dos falantes entre si e nem com o meio, a expressão se constrói no interior da mente do sujeito (o produtor da linguagem), sustentando-se, pois, na psicologia individual, que o faz dono de seu dizer. No segundo, ele é assujeitado pelo sistema lingüístico. Nesses conceitos não se tem um olhar direto para o sujeito como aquele que constrói sua linguagem frente ao seu interlocutor, num meio social, histórico e ideológico determinado.

A concepção/conceito que escolhemos para direcionar e comprovar o quadro da pesquisa, diferentemente das anteriores, toma a linguagem como forma de ação ou interação entre indivíduos que se comunicam com fins específicos, dentro de um contexto sócio-historicamente definido. É considerada como uma prática social, determinada pelos interesses dos participantes da interlocução em agir sobre os demais. Dessa maneira, a linguagem não é vista apenas como suporte do pensamento e nem somente como instrumento de comunicação. Nesta concepção emerge o caráter dialógico e intencional. A linguagem se estabelece argumentativa por natureza, já que o falante sempre tem intenções específicas de agir sobre o outro enquanto se comunica.

Embasados teórico-metodologicamente sobretudo na Lingüística Textual, ressaltamos a instância texto, unidade de comunicação, espaço de interlocução, a manifestação que tem por essência consolidar os conhecimentos, as idéias, a visão de mundo e valores de um indivíduo e, conseqüentemente, de uma sociedade. A escolha da modalidade dissertativa, escrita, está na possibilidade de enfatizar mais a importância do outro, do leitor, do interpretador de idéias, ao propiciar uma interação verbal mais explícita de quem escreve com quem lê, o que salienta a circunstância de o escritor precisar expor sua visão de mundo de maneira bastante coerente.

Para a constituição do corpus, a escolha de alunos pertencentes ao Ensino Médio de uma escola estadual de Assis/SP, baseou-se na real possibilidade de aí se poder comprovar, em oposição ao esperado para este nível de ensino, a escritura de textos lineares e, a partir desta comprovação, tentar, através de aulas/oficinas, promover maior interação entre os alunos com temas pertinentes na sociedade, levando os estudantes à reflexão e à construção de certos conhecimentos acerca do mundo no momento crucial do vestibular, cuja meta é, em tese, analisar com rigor a produção textual coerente e bem argumentada.

Para salientar a enorme necessidade do uso dessa terceira concepção da linguagem, trouxemos dos relatórios do Ministério da Educação o principal objetivo das aulas de Língua portuguesa atualmente: a formação de um competente produtor de textos. Ao discutir esse novo perfil do Ensino Médio, eles afirmam: “As propostas de mudanças qualitativas para o processo de ensino-aprendizagem, no nível médio, indicam a sistematização de um conjunto de disposições e atitudes como pesquisar, selecionar informações, analisar, sintetizar, argumentar, negociar significados, cooperar, de forma que o aluno possa participar do mundo social, incluindo-se aí a cidadania, o trabalho e a continuidade dos estudos” (p.152/3). Para entender melhor a sugestão, temos como acepção de competência a qualidade de quem é capaz de apreciar e resolver certo assunto, fazer determinada coisa, capacidade, habilidade, aptidão, idoneidade.

O ENEM avalia cinco competências para análise de suas redações. São elas: (1) demonstrar o domínio básico da norma culta da língua escrita; (2) compreender o tema proposto e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para explicá-lo, defendê-lo ou contradizê-lo, desenvolvendo-o dentro dos limites estruturais do texto dissertativo/argumentativo; (3) selecionar, organizar e relacionar os argumentos, fatos e opiniões apresentados em defesa da perspectiva assumida pelo produtor do texto em relação ao tema proposto; (4) construir argumentação consistente para defender seu ponto de vista; (5) elaborar proposta de intervenção sobre a problemática desenvolvida, mostrando respeito à diversidade de pontos de vista culturais, sociais, políticos, científicos e outros.

Por percebermos um vácuo entre o que o próprio Ministério propõe, a prática em sala de aula e o que se produz pelos alunos, tentamos aproximar teoria e prática. Por isso, o projeto seguiu-se de análise das redações dos alunos, selecionados por sorteio, com tema escolhido pela pesquisadora, pautado na atualidade. Houve leitura e interpretação de textos da revista e do jornal que tratavam do mesmo assunto das redações produzidas pelos alunos, salientando as diferenças tanto de construção quanto de interpretação de idéias exibidas nos dois tipos de textos. Finalmente, houve entrevistas com os alunos participantes desse projeto para verificar o modo de aquisição da linguagem falada e escrita e sua utilização desde os primeiros anos de vida. A finalidade dessa entrevista sustenta-se na hipótese de que o aluno que escreve coerentemente, sujeito de seu dizer crítico em relação ao já-dito, teve um amplo contato com a linguagem, especialmente a escrita, desde sua infância. Cresceu lendo; portanto, tende a se posicionar em relação aos fatos, a se expressar com clareza, congruência e objetividade. Os professores também responderam ao questionário, que visa destacar sua prática pedagógica em língua materna na escola pública.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 3. ed. São Paulo: IIUCITEC, 1979.

BOUTON, Charles P. *O desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Moraes, 1977.

CORACINI, Maria J. R. Faria. *Um fazer persuasivo: o desenvolvimento subjetivo da ciência*. São Paulo: EDUC; Campinas: Pontes, 1991.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991.

GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.

JOBIM e SOUZA, Solange. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

KLEIMAN, Ângela (org). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade*. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 1985.

PECORA, Alcir. *Problemas de redação*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROCCO, Maria Teresa Fraga. *A crise da linguagem*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

SMOLKA, Ana L. Bustamante (org.); GÓES, Maria Cecília Rafael (org.). *A linguagem e o outro no espaço escolar*. Campinas: Papirus, 2003.

TERRA, Ernani & NICOLA, José De. *Português de olho no mundo do trabalho*. São Paulo: Scipione, 2006.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Bolsa: Núcleo de Ensino